

Questão (1)

O planejamento curricular no trabalho docente requer profundas movimentações reflexivas e efetivas em direção à ampliação da dimensão pedagógica. É imprescindível que leve em consideração não apenas o que deve ser empreendido ou alcançado como meta "conteudista", mas também pensando no contexto no que envolve e influencia a ação planejada. Também leva-se em conta as subjetividades que compõem o cotidiano, a fim de que o que foi discutido não só faça sentido para os envolvidos como também possam se ver nas propostas demonstradas. O trabalho docente nos posiciona diante de desafios em relação às possíveis direções que alcancem os objetivos. O currículo, como bem pontua a professora Maria Luiza Sussekind, é uma conversa difícil, briga vista, que dependendo das mãos que o tecem (e de suas intenções), pode viabilizar ou inviabilizar e até mesmo traçar destinos fatais à uma educação pública, (ou privada), laica e de qualidade. Portanto, para além da reflexão de como abordar um tema, é necessário compreender que: não há cálculos exatos no tocante à reverberação de nossas propostas, ao passo que é de extrema importância articularmos estratégias a fim de que proporcionemos espaços democráticos para diálogos, flexibilizando nossas ações e concepções para as trocas que virão. Um planejamento curricular consiste em reflexões acerca dos processos de ensinoaprendizagem, ações educativas, saberes e vivências. Aqui utilizo o termo ensinoaprendizagem aglutinado (bem como saberes fazeres) por entender tais processos interdependentes, como aborda a professora Carmen Ganche. Pensando em tais processos, é importante ressaltar que nossas ações docentes influenciam

profundamente no âmbito educacional; não devemos pensar que são atitudes isoladas, pois a ligação entre o micro e o macro é extremamente próxima, também interdependente. A relevância de um planejamento curricular que não reduza as diferenças, que na verdade dialogue com elas, valorize-as, que a partir de vivências, identidades e culturas aborde diferentes áreas de conhecimento, abrangendo a dimensão pedagógica desse planejamento não é apenas relevante - é necessário, é urgente. O desafio não só se faz presente nesta reflexão, mas em sua execução também. O planejamento curricular não é engessado, também nos permite perceber melhores abordagens ou que contemplem melhor as necessidades encontradas no cotidiano. Nos auxilia na reflexão-projeção-reflexão, sempre nos movendo a tentativas e experimentações que nos exigem aprofundamentos teóricos, discussões, desmembramento de práticas e suas possibilidades, além de registros do que foi feito e pensado, estando disponível para retomada de discussões em vista do que a prática nos apresentou e apresenta diariamente.

Questão (2):

Como abordado na questão anterior, o currículo é uma conversa difícil; pensando no processo de seleção de conhecimentos, o teor de dificuldade também forma conta - e forma. Diante de desafios, conforme solicitado, indicam-se três tensões encontradas por docentes no momento de escolha: a) a abordagem; b) a relevância e c) Recepção de estudantes (desdobramentos). A abordagem envolve uma série de questões, partindo da premissa de que é o corpo estudantil que nos move em direção a projetos, penso que as trocas e os

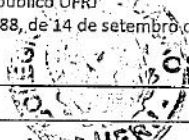
Saberes-fazeres são conjuntas num exercício de horizontaliza-las o quanto possível. Este "fazer junto" traz possibilidades geralmente impossíveis, e coloca o docente numa posição de mediação, ao mesmo tempo que ensina e aprende. Tais mediações precisam ser assertivas e garantir a alteridade, a fim de que se discuta sobre abordagens ultrapassadas que estavavam (ou aceitam exteriormente) em ofensas à diferentes grupos da sociedade tais como minorias (de cunho racial, gênero, de necessidades especiais, etc.). A reflexão e conscientização deste aspecto, na teoria, parece fácil de ser compreendida, porém - levando em consideração que também somos frutos e atuamos nessa sociedade, não estamos livres de cometer silenciosamente racismos, reproduzir machismos e demais atitudes que estão profundamente enraizadas em nossos estudantes e em nós também. Já ao que se refere sobre a tensão da relevância, estamos diante de uma ligação com o item anterior; se a abordagem, para além dos levantamentos acima expostos, também encosta na questão de ser interessante, instigante, sem deixar de dialogar com a contemporaneidade de forma responsável (como aponta Bakhtin) e, que contemple as diferenças e subjetividades, a relevância nos desloca para pensar em justamente como pensamos o que é relevante e o que deixa de ser. Pode parecer, a princípio, que é algo muito simples de estabelecer contato, se pensarmos que existem leis, parâmetros e demais documentos que nos auxiliam sobre escolhas apropriadas para cada ano escolar, bem como a importância da abordagem do assunto. Porém, como podemos perceber, são tempos em que frentes como Base Nacional Curricular Comum - a BNCC -

Vem acompanhada de um tsunami como aponta Susse-
Kindl em sua análise sobre a Base. Além deste documento,
a Lei de Diretrizes e Bases - LDB - é diariamente rasga-
da perante à projetos como "Escola sem Partido", "Reforma do
Ensino Médio" e uso de termos como "Ideologia de Gênero"
nas escolas - isso sem contar com outros ataques que influ-
enciam diretamente a Educação, como a "Reforma da Previdên-
cia" - ou seja, diante de documentos que carregam
mensagens manipuladoras, é necessário refletir sobre a rele-
vância do que discutimos com o corpo estudantil - e refle-
tir, discutir com eles, para que não cometamos epistemicídios,
privilegiando somente alguns conhecimentos em detrimento
de tantos outros. Num sociedade cuja a ideologia é he-
gemônica, eurocêntrica, colonial, é válida toda forma
de debate sobre desobediências epistêmicas, já nós colo-
cando em lugares de acomodação também - tal
postura pode facilitar o exercício do dialogismo e da
angústia sobre conhecimentos significativos. As diferentes
áreas de conhecimento tem amplo espaço de atuação em
nossas vivências cotidianas - cabe à nós realizarmos escolhas
com nossos intelectos, entendendo tal processo como algo
que demanda tempo, dedicação, escuta sensível, reflexão e es-
paços que realizem tais ações. Sobre a "tensão final", a
recepção dos alunos e demais descobrimentos, requer de
nós um exercício de abertura que está intimamente li-
gado à nossa capacidade de nos permitir aprender, de
fato. De nos deslocar - de deixarmos ser deslocados, abra-
çados por aqueles que, de alguma forma, também
atransessamos em nossas propostas. Neste momento não
existe "Notorius Saber" que imunize-nos dos caminhos que
escolhemos que talvez não tenha contemplado nossos

alunos. O retorno de nosso trabalho está justamente presente no que os estudantes expressam após nossa abordagem. Os desdobramentos, dependendo de nossas intenções, podem ser bons ou não. E geralmente evidenciam algumas questões que precisariam de maior reflexão como: adequação da abordagem à forma, interesse na discussão, estrutura para realização do projeto, assim como recursos necessários... Também enfrentamos se nós estamos imbuídos do que discutimos e se há abertura para retornos que verifique nossa prática - o que é natural de acontecer, inclusive. Aliás, apesar das questões de ego e frustração, os momentos de aprendizagem e troca não são harmônicos sempre (bem como nosso cotidiano), e para tais situações, é importante que possamos compreender que são grandes oportunidades de crescimento pessoal e profissional - o cuidado é que a todo tempo busquemos ensinar isto aos estudantes, quando nós mesmos possuirmos dificuldades em fazê-lo na prática.

Questão (3):

Entendendo o CAP da UFRJ como um espaço de condições mais palpáveis entre a educação que desejamos e a prática da mesma, acredito que a Instituição tenha forte compromisso em suas propostas e ações educativas, haja vista que a realidade em demais escolas da cidade carecem de estrutura adequada em diversos âmbitos: físicos, pedagógicos, de formação e etc., buscando cumprir os mesmos compromissos da educação pública, apesar do imenso abismo entre o que se requisita e o que se tem em mãos. Portanto ao refletir sobre três condições para o desenvolvimento



to dos processos de planejamento e de avaliação escolar engajados com as práticas significativas e inclusivas - resultando numa escola com as mesmas características, cito: a) Promoção de ações de formação continuada, bem como sua garantia; b) Encontros semanais de de contínua periodicidade da equipe, para discussão de planejamento, bem como temas relativos para educação, ações afirmativas e questões contemporâneas; c) Amplo e periódico contato com o grêmio estudantil, garantindo presença ~~presença~~ e fala nos espaços deliberativos da escola, como conselho de classe, por exemplo. A formação continuada permite, ao servidor acesso e debate a assuntos educacionais, bem como a ampliação de sua formação e saberes-fazer, a fim de que consiga compartilhar com os colegas de trabalho e propor melhorias em sua prática. Já os encontros com a equipe permitem discussões e revisões sobre as práticas realizadas, bem como auxilia na reflexão de propostas imprescindíveis ao cotidiano, como a aplicação de leis como a 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da história da cultura afro-brasileira na educação - e a indígena também, e demais atravessamentos viabilizados por tais discussões. Este momento proporciona o compartilhamento de práticas e ideias, desde elaboração de projetos até formas de avaliação como um ato amoroso e significativo (como ressalta Luckesi). A ~~conscientização~~ conscientização de nossas práticas (individuais e de equipe) também são mais que bem-vindas nestas reuniões. E por último, o contato com o grêmio estudantil nos auxilia a pensarmos junto a escola que queremos e podemos ter; além de colocar em prática o que almejamos enquanto defendemos

uma educação dialógica, horizontal, emancipatória, que viabiliza espaços de discussão e escuta de forma sensível e responsiva ao que interlocutores de diferentes âmbitos têm a nos dizer. Como já comentado anteriormente, o retorno dos estudantes é um dos mais importantes, pois fala muito de nós, de nossas aspirações em contato com as deles, fala de nossos esforços para que eles também nos ensinem, também se entendam como indivíduos capazes de atuar na sociedade, sendo feito e podendo mudar a cultura vigente - principalmente se a mesma não os contempla e nem a maior parte dos cidadãos. Ao mesmo tempo, é necessário ouvi-los e refletir sobre nossas práticas, a fim de que conjuntamente, alcancemos uma relação de trocas prósperas que nos deem subsídios rumo à uma educação efetivamente pública, de qualidade, para todos.